

12º PROJETER
REEXISTIR NO MUNDO CONTEMPORÂNEO
interpretar, conservar e transformar
14 a 17/10 | Pelotas | Rio Grande do Sul | Brasil **2025**

Seagram e o vazio como espaço de transformação urbana

Eixo Temático: Eixo 3 - Transformar

PICCOLO, Tainá Letícia

Bacharelada em Arquitetura e Urbanismo | Instituto Federal Farroupilha |
taipiccolo@gmail.com

PAULI, Sofia Wohlfahrt

Bacharelada em Arquitetura e Urbanismo | Instituto Federal Farroupilha |
sofia.2023009056@aluno.iffar.edu.br

COIMBRA, Juliano Moreira

Mestre em Arquitetura e Urbanismo | Instituto Federal Farroupilha |
juliano.coimbra@iffarroupilha.edu.br

Resumo

O que o vazio representa no espaço da cidade? Este artigo busca analisar o papel do vazio como estratégia projetual e agente de transformação urbana, investigando suas potencialidades na arquitetura e no urbanismo contemporâneo, a partir do Seagram Building, de Mies van der Rohe, em Nova York. A "arquitetura do vazio" é compreendida como uma metodologia que atribui ao espaço não construído um papel ativo na configuração da paisagem urbana e na vivência coletiva da cidade. O vazio, longe de ser ausência, revela-se como pausa necessária, capaz de catalisar novas formas de encontro, circulação e apropriação social do espaço. Ao analisar o recuo do Seagram em relação à rua, observa-se como o vazio pode transformar a lógica tradicional da ocupação urbana, promovendo relações mais abertas, acessíveis e inclusivas. A abordagem se estende à análise dos espaços públicos de propriedade privada (POPs), derivados dessa proposta, como dispositivos urbanísticos que, quando qualificados, ampliam a esfera pública e contribuem para a reexistência da cidade. Assim, o trabalho compreende o vazio como meio de transformação urbana, cultural e cidadã, capaz de responder aos desafios do presente por meio da criação de espaços que favoreçam a convivência, a diversidade e o pertencimento. Neste sentido, o vazio é explorado como ferramenta crítica e propositiva no fazer arquitetônico, resignificando o espaço aparentemente incompreendido em um agente de renovação e resistência urbana.

Palavras-chave: vazio; pausa; arquitetura moderna; espaço urbano.

Seagram and the void as a space for urban transformation

Abstract

What does emptiness represent in the urban space? This article aims to analyze the role of emptiness as a design strategy and an agent of urban transformation, investigating its potential in contemporary architecture and urbanism, using the Seagram Building by Mies van der Rohe in New York as a starting point. The so-called "architecture of emptiness" is understood as a methodology that assigns an active role to unbuilt space in shaping the urban landscape and

collective city experience. Emptiness, far from being a void, emerges as a necessary pause, capable of catalyzing new forms of encounter, circulation, and social appropriation of space. By examining the Seagram's setback from the street, it becomes clear how emptiness can transform the traditional logic of urban occupation, promoting more open, accessible, and inclusive relationships. This approach extends to the analysis of privately owned public spaces (POPs), derived from this proposal, as urban devices that, when well-designed, expand the public sphere and contribute to the city's re-existence. Thus, the work conceives emptiness as a means of urban, cultural, and civic transformation, capable of addressing present-day challenges through the creation of spaces that foster coexistence, diversity, and a sense of belonging. In this sense, emptiness is explored as a critical and propositional tool in architectural practice, re-signifying seemingly misunderstood space into an agent of urban renewal and resistance.

Key words: emptiness; pause; modern architecture; urban space.

Seagram y el vacío como espacio de transformación urbana

Resumen

¿Qué representa el vacío en el espacio de la ciudad? Este artículo busca analizar el papel del vacío como estrategia proyectual y agente de transformación urbana, investigando sus potencialidades en la arquitectura y el urbanismo contemporáneos, a partir del Seagram Building, de Mies van der Rohe, en Nueva York. La llamada "arquitectura del vacío" se entiende como una metodología que otorga al espacio no construido un papel activo en la configuración del paisaje urbano y en la vivencia colectiva de la ciudad. El vacío, lejos de ser ausencia, se revela como una pausa necesaria, capaz de catalizar nuevas formas de encuentro, circulación y apropiación social del espacio. Al analizar el retiro del Seagram con respecto a la calle, se observa cómo el vacío puede transformar la lógica tradicional de la ocupación urbana, promoviendo relaciones más abiertas, accesibles e inclusivas. El enfoque se extiende al análisis de los espacios públicos de propiedad privada (POPs), derivados de esta propuesta, como dispositivos urbanísticos que, cuando están bien calificados, amplían la esfera pública y contribuyen a la reexistencia de la ciudad. Así, el trabajo comprende el vacío como un medio de transformación urbana, cultural y ciudadana, capaz de responder a los desafíos actuales mediante la creación de espacios que favorezcan la convivencia, la diversidad y el sentido de pertenencia. En este sentido, el vacío se explora como una herramienta crítica y propositiva en la práctica arquitectónica, resignificando el espacio aparentemente incomprendido en un agente de renovación y resistencia urbana.

Palabras clave: vacío; pausa; arquitectura moderna; espacio urbano.

1 Arquitetura do vazio

A pausa, entendida como lugar da paisagem, é o espaço onde se manifesta a experiência sensível, de maneira análoga ao que acontece nas artes, na literatura e na música. Esse conceito surge a partir de um olhar sobre o vazio e sua intrínseca relação com a paisagem urbana, trazendo a reflexão sobre esse espaço "entre" e sua presença como catalisador da percepção sensorial. Assim, o vazio na arquitetura ultrapassa a ideia de ausência, podendo ser definido como a pausa que permite o movimento. Ele é um espaço de potencial, de possibilidade (Bachelard, 1993), capaz de transformar a experiência do usuário e a compreensão do ambiente, onde a "paisagem entendida como arquitetura do vazio" é uma forma cultural de organizar e vivenciar o espaço (Careri, 2013, p. 31).

Nesse contexto, a evolução da "arquitetura do vazio" reflete uma transição significativa na forma como as sociedades se relacionaram com o espaço ao longo do tempo. Inicialmente, a ideia de espaços vazios, como praças e pátios, favorecia a liberdade de movimento e a fluidez nas interações sociais e culturais. Esse conceito pode ser observado na configuração da cidade tradicional, na qual a praça, localizada estrategicamente no centro, desempenhava papel fundamental como espaço de encontro e observação necessário para a vida cotidiana, atuando como ponto de convergência e integração entre os habitantes.

Essa compreensão evidencia que os vazios da cidade podem ultrapassar sua função como áreas de transição ou descanso, encaixando-se na definição de "lugares" de Augé (2012) e sendo caracterizados como "vazios plenos" (Careri, 2013, p. 9), funcionando como ambientes dinâmicos que se preenchem continuamente por meio das relações sociais, tornando-se locais de troca, interação, possibilidade e encontro, onde os indivíduos transformam o espaço em algo repleto de significado.

Na teoria e na história da arquitetura e do urbanismo, o vazio é fundamental na definição de formas, circulação de ar e luz e criação da atmosfera espacial. Quando incorporado intencional e sensivelmente, oferece descanso visual e promove fluidez e continuidade arquitetônica. Para Bruno Zevi (2007), o espaço constitui o verdadeiro objeto da arquitetura, essencial para a leitura e a experiência

do ambiente. Essa relação entre cheio e vazio assegura equilíbrio estético, evitando que elementos arquitetônicos não se sobreponham de forma excessiva ou desconexa, promovendo uma leitura espacial aberta e agradável.

Contudo, com a sociedade sedentária e a expansão das cidades, a arquitetura foi cada vez mais marcada por espaços "cheios", voltados à utilidade e privacidade, moldando a experiência urbana, restrita não apenas pelos meios técnicos de sua produção, mas também por forças econômicas e sociais. Na introdução do livro *História Crítica da Arquitetura Moderna*, Kenneth Frampton usa a célebre citação de Walter Benjamin que alude ao progresso como uma tormenta, indicando que, a partir do século XIX, "a cisão entre arquitetura e desenvolvimento urbano levou a uma situação na qual a possibilidade da primeira contribuir para a segunda, e vice-versa, por um longo período, tornou-se de súbito extremamente limitada" (Benjamin *apud* Frampton, 1997).

Esse distanciamento acentua-se com o avanço do capitalismo, no qual a cidade sofre um processo de fragmentação que enfraquece sua posição como referência global. Isso fica evidente na deterioração das cidades interioranas dos EUA pós-Segunda Guerra Mundial, entre 1950 e 1960, consequência do "efeito conjunto da via expressa, do subúrbio e do supermercado" (*Ibid.*), que levou ao declínio das áreas centrais, à medida que população e atividades econômicas migraram para fora do limite urbano.

É nesse contexto de transformações que se insere o Movimento Moderno, impulsionado pelas revoluções tecnológicas, industriais e sociais, onde a arquitetura se desvincula dos estilos clássicos em prol de uma abordagem racionalista, adotando o princípio central "a forma segue a função". No entanto, dentro da lógica funcionalista de cidade moderna, o caso do edifício Seagram, projetado por Mies van der Rohe e Philip Johnson, entre 1954 e 1958, dialoga com resquícios de uma implantação de cidade tradicional em meio a um projeto de arranha-céu, onde é possível introduzir o vazio como espacialidade reivindicada pelo Movimento Moderno, o que representou

a abertura na relação entre o individual e o coletivo, entre o público e o privado. Diferentemente do significado mais geral de vazio urbano, definido por espaços residuais, áreas intersticiais ou descontinuidades no território

metropolitano, o vazio moderno é o espaço planejado caracterizado por extensas áreas entre edifícios isolados ou internamente por grandes espaços projetados com o mínimo de elementos. (Cruz, 2016, p. 51)

Isso reflete a relação da arquitetura com o urbanismo, como no gesto de Mies ao recuar o Seagram 31 metros da margem da rua, criando uma praça aberta que forma um caminho para a entrada do edifício, estabelecendo o limiar que conecta a cidade ao arranha-céu. Ao permitir que a população se aproprie do “vazio moderno” como um “vazio pleno”, o Seagram incentiva o uso do espaço público e enseja o direito à cidade, onde “a inserção de vazios externos à edificação na cidade compacta do século XIX reivindicava o conceito de *civitas* na *urbs*” (*Ibid.*, p. 51), retomando a ideia de cidadão e comunidade.

A partir disso, o vazio urbano qualificado se apresenta como uma pausa intencional que acolhe a população, configurando oportunidades para o encontro, a experimentação social e a transformação simbólica da cidade, onde então se abrem possibilidades de ressignificar nossa relação com o lugar e com o outro, como afirma o ambientalista e filósofo brasileiro Ailton Krenak

Quando, por vezes, me falam em imaginar outro mundo possível, é no sentido de reordenamento das relações e dos espaços, de novos entendimentos sobre como podemos nos relacionar com aquilo que se admite ser a natureza, como se a gente não fosse natureza. (Krenak, 2019, p. 32)

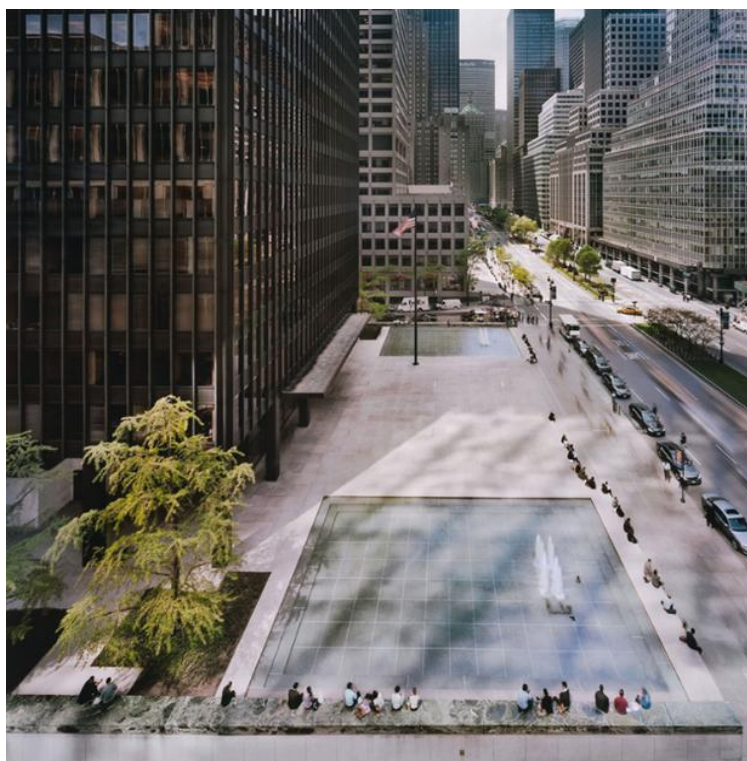
O vazio, então, se torna território de reconexão com três dimensões: o urbano, o coletivo e o indivíduo, dialogando com princípios como o espaço negativo (Ching, 2008), a experiência (Careri, 2013) e o respeito à identidade do lugar (Augé, 2012).

2 Edifício Seagram e a integração urbana

O vazio introduz uma dimensão simbólica e estética ao espaço construído, onde, mais que uma lacuna, torna-se uma oportunidade para estabelecer novas relações espaciais e geométricas, muitas vezes inesperadas, entre os diferentes elementos da construção. Ele permite uma articulação mais fluida do edifício, promovendo uma interação dinâmica com o entorno, isto é, entre ambiente interno e externo, gerando maior integração do usuário com a arquitetura.

No caso do Seagram, “considerado uma das obras seminais do período pós-guerra na definição de uma imagem para edifícios de escritórios de prestígio” (CURTIS, 2008, p. 409), o vazio de 31 metros criado em frente ao arranha-céu de 38 andares (Figura 1) levanta questionamentos sobre a decisão ousada atribuída a Mies van der Rohe: qual sua intenção? O que o edifício ganha com a criação desse espaço, que, se visto com olhos rasos, é considerado inútil e irracional? Frampton (1997) indica que Mies emprega o conceito de vazio como espaço pleno que define e organiza os elementos, desafiando as convenções da arquitetura tradicional e fazendo da arquitetura do vazio um elemento fundamental para a estética e simplicidade de seu trabalho.

Figura 1: Praça Seagram, Nova York, EUA.



Fonte: José Juan Barba (2013).

A filosofia criada por Mies de que “menos é mais” se conecta à ideia do vazio como lugar. Para além da ausência, o Seagram demonstra “toda sua sensibilidade em relação ao terreno” e reforça o espaço como pausa, de forma que “o plinto de travertino sob o edifício introduzia um momento de descanso da agitada vida das ruas de Nova York” (Curtis, 2008, p. 409). Destaca-se, assim, que este vazio é essencial para a identidade do edifício, pois é o recuo que permite a criação de um ponto de

vista único, fazendo-o ser o que é. O vazio assume a função de realçar o espaço construído (Figura 2), permitindo que a singularidade do edifício se sobressaia em relação aos demais existentes no entorno, onde Queiroz (2019) aponta que “o propósito moderno ultrapassa necessariamente a compreensão do edifício como objeto único, como representante da sua própria singularidade. A arquitetura moderna seria a própria relação contínua e exponencial entre forma e vazio”.

Figura 2: Vista do observador em frente ao Seagram Building.



Fonte: Frank Düllmann (2009).

Conforme a autora, em sua análise dos edifícios construídos em Nova York no mesmo período, o Seagram Building (1958) e seu antecessor, Lever House (1952), ambos nas esquinas opostas da Park Avenue com a E57th St, se destacaram pelo uso de tipologias inovadoras, distintas dos tradicionais "bolos de noiva". Ambos compartilham a característica de criar um espaço público significativo no nível do solo, onde a relação entre a edificação e o entorno é central, promovendo a interação entre o edifício e a cidade, de forma que “não estamos falando de um modelo de arquitetura, de um objeto, mas de um modelo de relação entre forma e vazio, ou seja, de um modelo urbano” (*Ibid.*).

3 Os POPs de Nova York

Quando o Seagram foi construído, a legislação vigente em Nova York era a Resolução de Zoneamento de 1916, que limitava a altura dos edifícios no alinhamento do lote e estabelecia recuos para permitir maior altura, criando escalonamentos conhecidos como "bolo de noiva" ou "zigurate". A implantação e volumetria modernas do Lever House e do Seagram Building foram importantes na busca por uma arquitetura mais integrada ao contexto urbano, influenciando a reformulação da legislação de Nova York, em 1961. O novo plano introduziu um sistema de bonificação para incentivar a parceria público-privada na criação de espaços de uso coletivo, dando origem às POPS (*Privately Owned Public Spaces*) (Oliveira e Pisani, 2017).

Esse sistema foi uma resposta do poder público municipal à necessidade de aprimorar a qualidade do espaço urbano densamente ocupado e verticalizado, retomando o preceito do Movimento Moderno de *civitas* através da combinação de áreas edificadas com espaços públicos. Assim, os POPs representam a institucionalização de um princípio moderno fundamental: o reconhecimento de que o espaço livre possui valor público, simbólico e coletivo, ainda que esteja inserido em um contexto de iniciativa privada. Trata-se de uma aplicação concreta da concepção moderna de que o vazio planejado não é um resíduo urbano, mas um componente estruturador da cidade e da vida em comunidade. Esse entendimento promove um ambiente mais propício ao convívio coletivo, no qual "A consideração do vazio externo como abertura é a liberação do solo urbano. O significado de liberação possui dois aspectos principais: o de livre acesso e o de outorga da área urbana como pública" (Cruz, 2016, p. 59).

Sendo assim, para analisar o impacto dos espaços públicos de propriedade privada (POPS), Oliveira e Pisani (2017) conduziram um estudo sobre a paisagem urbana da área central de um setor em Midtown, Manhattan, onde estão localizados o Seagram Building e o Lever House (Figura 3). Dentre seus principais resultados, mostraram que tais praças corporativas dos edifícios, além de qualificar a paisagem urbana, de fato contribuem para o sistema de espaços de uso público, embora sua

real apropriação seja condicionada a outros fatores, como a acessibilidade e a visibilidade entre os POPs e o passeio.

Figura 3: Mapa dos POPs da Park Avenue no trecho analisado por Oliveira e Pisani.

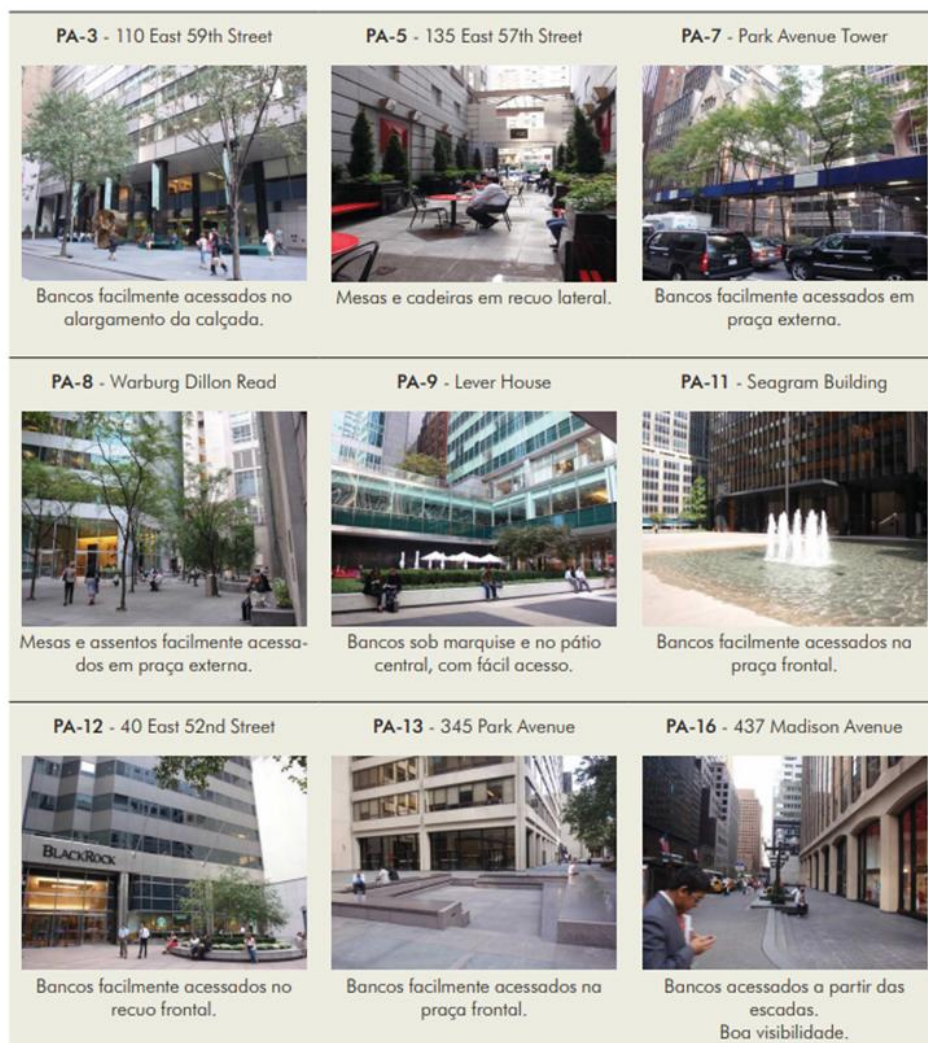


Fonte: Oliveira e Pisani (2017).

Conforme o mapa da Figura 3 indica, é notável a presença predominante desses espaços no entorno do Seagram, comprovando que a legislação de zoneamento realmente incentivou a criação de ambientes urbanos mais convidativos, buscando um equilíbrio entre o desenvolvimento imobiliário e o bem-estar coletivo da população. No trecho analisado, 41% dos empreendedores que construíram edifícios a partir da Resolução de Zoneamento de 1961 adotaram o sistema de bonificação, tratando-se de um sistema que interessa ao investidor

privado. Contudo, segundo Oliveira e Pisani (2017), apenas 50% dos POPS obtiveram qualidades satisfatórias (Figura 4).

Figura 4: Nove POPS da Park Avenue, onde há boa qualidade em relação à facilidade de acesso, visibilidade e assentos para permanência da população.



Fonte: Oliveira e Pisani (2017).

Neste caso, a compreensão do vazio moderno como 'espaço de experiência', tanto por sua constante transformação como pela sua evolução histórica, retoma o sentido de vazio pleno como possibilidade (Bachelard, 1993) e arquitetura (Careri, 2013), revelando o potencial transformador que continua a ser um elemento essencial para a experiência sensível, onde é preciso ressaltar que,

Considerando também a arquitetura uma disciplina que atua num campo expandido próprio, deveremos encontrar dentro dele a escultura, a paisagem

e o percurso. O seu campo de atuação comum é a atividade de transformação simbólica do território. (Careri, 2013, p. 120)

Essa transformação manifesta-se de maneira concreta nas dinâmicas urbanas observadas no estudo, como contemplação, leitura, conversas, descanso e alimentação. A apropriação desses locais está associada à acessibilidade, visibilidade e qualidade do mobiliário, fatores que promovem a interação social e reforçam o direito à cidade reivindicado na teoria modernista (Oliveira e Pisani, p. 131-132). Nesse cenário, a análise do vazio busca interpretar as memórias, os significados e a luta por identificação que permeiam o cotidiano da cidade. Isso desafia a ideia de que a arquitetura moderna é uma representação idealizada ou encerrada em si própria, propondo que o espaço urbano é um fenômeno em constante construção e reinterpretação, moldado pelas experiências e interações de seus habitantes, onde a configuração do vazio não representa uma simples fusão entre domínio público e privado, mas uma teia de narrativas que envolve o espaço pela dignidade cívica e busca por autonomia (Cruz, 2016, p. 61).

4 Considerações Finais

A transformação é um dos pilares da reexistência e uma função essencial dos espaços não ocupados nas cidades. Em uma realidade marcada pela lógica da ocupação contínua e da construção incessante, os vazios urbanos assumem o papel de pausas significativas, capazes de intensificar a percepção sensível do espaço e da experiência individual. Enquanto os não-lugares, descritos por Augé, evidenciam a alienação e a efemeridade nas relações espaciais contemporâneas, o vazio urbano qualificado surge como resistência simbólica, um espaço que recupera o potencial de identidade, convivência e transformação social.

Por isso, investigar a arquitetura do vazio revela uma importância que transcende a mera ausência de construção, evidenciando seu potencial como agente transformador no contexto contemporâneo. O caso do Seagram exemplifica essa perspectiva ao demonstrar como o vazio, ao ser planejado e integrado de forma sensível pela arquitetura moderna, atua de maneira decisiva na construção do tecido urbano, redefinindo as relações entre edifício e cidade, potencializando a experiência coletiva e promovendo um ambiente onde o espaço assume um papel central na promoção da cidadania.

Nesse cenário, a evolução legislativa que permitiu a criação dos POPs representa um marco importante na institucionalização do vazio como valor urbano e cultural. Esses espaços, embora inseridos em contextos privados, são projetados para uso coletivo e simbolizam a retomada do princípio moderno de *civitas*, em que o espaço livre é reconhecido como bem comum. Os POPs comprovam que o vazio pode ser produtivo e estruturador, promovendo o convívio, a diversidade de usos e o direito à cidade. Portanto, tratá-lo como uma oportunidade de vivência e interação e não como um espaço negligenciado é reconhecer seu papel central no desenho da cidade contemporânea, onde a experiência do usuário e a apropriação democrática do espaço moldam a paisagem urbana e a arquitetura do futuro.

5 Referências

- AUGÉ, Marc. **Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade** (Trad. Maria Lúcia Pereira). 9ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.
- BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- ZEVI, Bruno. **Saber ver a arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- CARERI, Francesco. **Walkscapes: O caminhar como prática estética** (Trad. Frederico Bonaldo). São Paulo: Editora G. Gili, 2013.
- CHING, Francis D. K. **Arquitetura: forma, espaço e ordem**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- CRUZ, Luciana Saboia Fonseca. Arquitetura, vazio moderno e o espaço social. **Paranoá**, [S. l.], v. 9, n. 16, 2016. DOI: 10.18830/issn.1679-0944.n16.2016.04. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/paranoa/article/view/11594>. Acesso em: 27 dez. 2024.
- CURTIS, William J. R. **Arquitetura moderna desde 1900**. 3ª edição, Porto Alegre, Bookman, 2008.
- FRAMPTON, Kenneth. **História crítica da arquitetura moderna** (Trad. Jefferson Luiz Camargo). São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- HOLANDA, Marina de. Clássicos da Arquitetura: Edifício Seagram / Mies van der Rohe. 14 nov 2012. **ArchDaily Brasil**. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/01-80364/classicos-da-arquitetura-edificio-seagram-mies-van-der-rohe>> ISSN 0719-8906. Acesso em 24 out. 2024.
- OLIVEIRA, Luciana; PISANI, Maria Augusta Justi. Espaços públicos de propriedade privada: os Pops de Nova York. **Paisagem e Ambiente**, São Paulo, Brasil, n. 39, p. 113–132, 2017. DOI: 10.11606/issn.2359-5361.v0i39p113-132. Disponível em: <https://revistas.usp.br/paam/article/view/122844>. Acesso em 27 dez. 2024.

QUEIROZ, Rodrigo. O espaço moderno como fração do infinito. Mies van der Rohe e o projeto para o campus do Illinois Institute of Technology em Chicago. *Arquitextos*, São Paulo, ano 20, n. 229.01, **Vitruvius**, jun. 2019 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/20.229/7416>>. Acesso em 25 out. 2024.